

O ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA CONCEPÇÃO CRÍTICO EMANCIPATÓRIA

Leidiane Bastos Senna
Hosana Larissa Guimarães Oliveira
Martha Benevides da Costa.

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência sobre o trato com o esporte nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, concretizada nas atividades do Estágio Curricular II, tendo como base a Concepção Crítico-Emancipatória. O trabalho objetivou a concretização do trabalho pedagógico e a reflexão sistemática sobre a ação pedagógica no processo de formação de professores. A reflexão possibilitou a revisão e o questionamento sobre a prática e a relação das mesmas com os problemas educacionais e sociais. Além disso, foi possível encenar outras possibilidades de ações pedagógicas que se distanciam da Educação Física esportivista.

Palavra-chave: Esporte. Concepção Crítico-Emancipatória. Ensino Fundamental. Reflexão.

ABSTRACT

It is an experience report about the treatment with the sport in the classes of physical education in Basic Education, completed in the activities of Stage II Curriculum, based on conception critical-emancipatory. The work aims to the achievement pedagogical activities and systematic reflection on the pedagogical action in the process of training teachers. The reflection allowed the revision and questions about the practice and the relationship with the same educational and social problems. Furthermore, it was possible to perform other possibilities of pedagogical actions that move away from the Physical Education sportsmanship.

Key words: Sport. Conception Critical-Emancipatory. Basic Education. Reflection.

RESUMEN

Uno está sobre una experiencia en el tratamiento con el deporte en las lecciones de la educación física en Ensino básico, materializa en las actividades del período del plan de estudios del entrenamiento II, teniendo como base el concepto crítico. El trabajo objetified el concretion del trabajo pedagógico y la reflexión sistemática en la acción pedagógica. La reflexión hizo posible la revisión y la pregunta en práctico y la relación igual unas con los problemas educativos y sociales. Por otra parte, era posible efectuar otras posibilidades de acciones pedagógicas que si distanciam de la educación física del esportivista.

Palabras-clave: Deporte. Concepto crítico. Ensino básico. Reflexión.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi estruturado das atividades do Estágio Curricular II, do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II, Alagoinhas, que está organizado a partir da observação, coregência e intervenção no Ensino Fundamental e tem como um dos seus objetivos possibilitar a reflexão sistemática sobre a ação pedagógica.

No trabalho pedagógico desenvolvido tomou-se a Educação como prática que tem a função de formar cidadãos capazes de reconhecer seu papel dentro da sociedade e pensar crítica e autonomamente sobre seu mundo. A escola, de tal modo, é compreendida como espaço público de cultura.

Foi baseado nessa perspectiva que propomos a tematização do esporte no contexto da escola, realizamos a reflexão sistemática sobre a nossa ação pedagógica e concebemo-nos como professores intelectuais, que a partir da própria ação pedagógica podem sistematizar e produzir conhecimento.

O SUPORTE TEÓRICO

O esporte tornou-se um dos conteúdos hegemônicos da Educação Física, chegando em muitos momentos a ser confundido com a mesma. Mas como se não bastasse, os signos e códigos do esporte de rendimento acabaram sendo transportados para o âmbito escolar, impedindo o desenvolvimento de diversas possibilidades educativas com esse conteúdo, o que acabou gerando uma tendência à seleção/exclusão, competitivismo exacerbado, especialização e instrumentalização precoces (PIRES; NEVES, 2005). Este fato demonstra a reprodução dos princípios da sociedade capitalista e o uso do esporte para sua manutenção.

Muitas críticas foram elaboradas a esse modelo de Educação Física escolar e proposições de novas possibilidades didático-pedagógicas foram e estão sendo construídas. Dentre elas, a concepção Crítico-Emancipatória.

Esta concepção está centrada no ensino da cultura de movimento, visando fornecer aos professores, elementos para que eles possam superar os modelos atuais da Educação Física escolar, que são pautados no rendimento e nos moldes que se apresentam na mídia, utilizando-se de uma matriz teórica crítica e de uma didática comunicativa para orientar as ações pedagógicas.

Para Molina e Molina Neto (2004), é no enfoque comunicativo que se localiza o movimento humano em suas diferentes manifestações, como um dos meios de diálogo intersubjetivo que os professores de Educação Física utilizam para mediar suas relações interpessoais no âmbito da cultura escolar, com alunos e comunidade. O movimento e a linguagem são formas de produzir e transformar a cultura.

Nessa mesma perspectiva, a concepção Crítico-Emancipatória pressupõe que a metodologia do professor ao ensinar a cultura de movimento deve estar pautada em “ações comunicativas” que deve fornecer ao aluno, por meio da prática e da problematização, a capacidade do agir racionalmente, fazendo uma reflexão crítica sobre suas ações, no sentido de possibilitar a emancipação. Como afirma Kunz:

Compreender o esporte nos seus múltiplos sentidos e significados para nele poder agir com liberdade e autonomia exige, além da capacidade objetiva de saber efetivamente praticar o esporte, ainda, a capacidade da interação social e

comunicativa. Implica dizer que o esporte, na escola, não deve ser algo apenas para ser praticado, mas sim estudado [...] (KUNZ, 2003, p.36).

Desta forma, fica claro que o trabalho pedagógico, dentro da Educação Física sob a perspectiva do desenvolvimento das habilidades técnicas, não dá conta de uma formação crítica dos educandos. Para tanto, Kunz (2003) aponta outros aspectos que devem ser levados em consideração na pedagogia Crítico-Emancipatória, como a interação social, por meio da qual se possibilita o trabalho coletivo e a percepção dos valores associados ao esporte no modo como ele é socialmente encenado; a linguagem, que permite aos educandos o acesso a conteúdos simbólicos e lingüísticos que ultrapassam o contexto esportivo, o entendimento de forma racional e organizada, o desenvolvimento de capacidades criativas e a valorização de todas as expressões de movimento; e, o trabalho, que e ao educando informações e conhecimentos de relevância e sentido para a aquisição de habilidades para o esporte, de acordo com seu contexto e estratégias de aprendizagem da técnica específica e capacidades físicas para o mundo dos esportes, movimentos e jogos de forma efetiva e para a vida futura relacionada ao lazer.

Esse processo é um caminho para possibilitar que a linguagem seja percebida como essencial para que haja o desenvolvimento de um pensamento racional que leve ao consenso e promover a eleição conscientemente de valores por parte dos sujeitos, em que o se movimentar é necessário para uma opção solidária, cooperativa e participativa.

Kunz (2003) acrescenta, ainda, que o processo de ensino envolvendo as categorias citadas deve levar ao desenvolvimento das competências objetiva (o acesso aos fundamentos técnicos e históricos dos esportes possibilita aos educandos agir-refletir-agir, habilitando-os para atuar dentro de suas possibilidades individuais e coletivas em qualquer contexto –; social – a reflexão coletiva sobre as problematizações, o diálogo aí gerado contribui para um agir solidário e cooperativo, levando-os a compreensão dos diferentes papéis sociais existentes e a preparação para assumi-los, atendendo e compreendendo os outros –; comunicativa – a linguagem permite interpretar experiências vividas e externá-las, oportunizando entender criticamente o fenômeno esportivo e o próprio mundo.

A partir disso, fica claro que a ação pedagógica pautada na perspectiva Crítico-Emancipatória não deve se limitar ao saber fragmentado do fazer, o que não é simples, pois a imagem que os educandos trazem para dentro da escola é a aquela que vem sendo construída hegemonicamente. Vale lembrar que essa não é uma particularidade do esporte, mas de todo o “se movimentar” humano. Diante disso, o professor deve agir intencionalmente, para possibilitar a emancipação de seus alunos.

A PROPOSTA DE TRABALHO

Antes de pensarmos numa proposta de trabalho, foi necessária a investigação de alguns elementos que pudessem subsidiar a escolha da concepção de Educação Física que iríamos tomar como base. Portanto, torna-se relevante deixá-los explícito: a Escola Estadual Oscar Cordeiro reduz as aulas de Educação Física à sala de aula; são professores de outras áreas que dão aula de Educação Física para completar a carga horária; apesar de existir uma quadra de esportes na escola, ela não é utilizada; os educandos demonstram interesse em ocupar esse espaço; a Educação Física, naquela

realidade, vive a necessidade de ressignificação de seu sentido e reconhecimento enquanto prática social e componente curricular.

A partir disso, fizemos a opção de trabalhar baseados na concepção Crítico-Emancipatória, por perceber que a mesma, a partir das discussões feitas anteriormente, nos daria subsídios para superar as lacunas encontradas e o alcance dos objetivos propostos em nossa intervenção.

Definida a perspectiva de Educação Física, foi possível a construção dos objetivos a serem alcançados e do conteúdo a ser tratado. Decidimos trabalhar com o esporte, mais especificamente o handebol e o voleibol, no sentido de possibilitar o acesso ao mundo dos esportes, movimentos e jogos de forma autônoma, visando à vida futura relacionada ao lazer e tempo livre; sensibilizar para ações solidárias, cooperativas e participativas; proporcionar experiências criativas, exploratórias e o julgamento crítico, através do diálogo coletivo.

Como tínhamos como eixo norteador as categorias e competências propostas na concepção crítico-emancipatória, o trato pedagógico com o conhecimento esporte nas aulas seria desenvolvido sob a perspectiva da “construção” das duas modalidades a serem trabalhadas: o Vôlei a partir do jogo “Encaichobol”, e o Handebol, do jogo “Defesa e Ataque” através de problematizações na qual os alunos tentariam solucionar os problemas postos através do diálogo e experimentações coletivas das soluções dadas, de forma que houvesse várias encenações e sua aproximação com o significado central do esporte tematizado, mas construído coletivamente e de forma autônoma e crítica.

A avaliação do processo educativo foi constituída por três instrumentos: o registro reflexivo elaborado pelas estagiárias-professoras sobre sua própria prática pedagógica; observação da aprendizagem e desenvolvimento dos educandos; momento de auto-reflexão e avaliação entre educador e educando em roda, sobre as atividades vivenciadas.

O CONTEXTO

A Educação Física escolar e suas possibilidades devem ser examinadas à luz do contexto no qual se desenvolvem. Nessa tarefa, é necessário levar em consideração suas particularidades biológicas, biográficas, culturais, políticas, econômicas e sociais, dentro de um conjunto de relações, interesses e necessidades (MOLINA; MOLINA NETO, 2004). Por isso, entendemos que é preciso trazer os elementos de nosso cotidiano.

Nosso estágio foi realizado na Escola Estadual Oscar Cordeiro, que atende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Está situada num bairro não periférico, mas atende educandos de classe baixa.

A escola funciona num prédio construído há pouco tempo, com salas para educandos e educadores, pátio, cantina, banheiros, secretaria e quadra de esportes mal conservada. Apesar de a escola possuir um espaço externo grande, não existia manutenção de modo que havia muito mato na área, dificultando o acesso à quadra. Procurando informações sobre o espaço externo, a direção comunicou que naquele mesmo espaço funcionava outra escola e por este motivo não podiam destinar determinados recursos para melhorias pois ainda não estava definido a que escola realmente pertencia aquele espaço.

Estagiamos com uma 7ª série, com 32 alunos e alunas entre 13 e 14 anos. Era uma turma heterogênea quanto à etnia, religião, comportamento.

As professoras de Educação Física da instituição não possuíam graduação na área e ensinavam a disciplina como complemento de sua carga horária, como é comum no Estado da Bahia.

A quadra não era utilizada e o conteúdo predominante das aulas era o futebol e o baleado, num modelo que reforçava a separação entre sexos. A revista Boa Forma era utilizada como referencial teórico.

A PRÁXIS

Uma das primeiras preocupações antes de começar as aulas de estágio na escola esteve na garantia dos espaços para a vivência concreta dos conteúdos a serem trabalhados. Então, a coordenação do estágio se mobilizou junto à universidade e conseguiu que funcionários do campus universitário se deslocassem até a escola para limpar a área externa da escola para a realização das atividades de Educação Física ou de outra disciplina que viesse a utilizar aquele espaço. Estava vencido o primeiro desafio.

A primeira aula esteve voltada em reconhecer as representações de Educação Física dos educandos através de palavras citadas por eles. Trouxeram vários esportes, mas foram citadas as danças, o jogo, a luta, a ginástica, a capoeira e a palavra “cultura”. Ficamos surpresas pela amplitude da representação dos alunos.

Nessa mesma aula, foram apresentados os conteúdos a serem trabalhados. Houve resistência por parte de alguns meninos e logo começou o pedido pelo futebol. Nossa estratégia inicial foi baseada numa socialização da experiência vivenciada pela nossa orientadora. Pergutamos quem sabia jogar futebol e todos os meninos responderam que sim. A partir disto colocamos que seria interessante trabalhar com algo que ainda não tinham estudado. Alguns se manifestaram afirmando que realmente esperavam ver coisas novas.

Percebemos, ainda, que a turma possuía dificuldade em lidar com as questões de gênero. Fato muito comum na Educação Física que segundo Pires e Neves (2005) acaba interferindo no ensino dos esportes, porque opõe meninos e meninas. Como os grupos eram mistos, observávamos uma participação ativa dos meninos e uma tímida participação das meninas. Então, colocamos a problematização: “Por que a bola só passa pelas mãos das mesmas pessoas, ficando outras sem participar?”, discutindo entre si, as meninas reclamam que os meninos não a enxergam e os meninos que elas não aparecem no jogo e estão paradas. Retomado o jogo, algumas meninas passam a se movimentar mais e criar oportunidades de participação, e os meninos também passam a enxergá-las como peças fundamentais no jogo, que ganha outra dinâmica. Nas aulas seguintes ainda houve situações nas quais era necessária a intervenção, sempre com a preocupação de fugir daquilo que Pires e Neves (2005, p. 90) chamam de “pseudo-soluções”. E nas últimas aulas, já não era necessário colocar problematizações nesse aspecto.

Sentimos dificuldade em planejar a abordagem dos aspectos históricos dos esportes. Nossa orientadora sugeriu que fizéssemos a vivência das diferentes etapas pelas quais o Handebol e o Voleibol haviam passado. Como o Handebol inicialmente era jogado apenas por mulheres e só depois passa a ser jogado também pelos homens, propomos um jogo só para as meninas com a bola de basquete e em uma área menor. Enquanto isso, os meninos jogavam num espaço maior e já com a bola de Handebol. Para trabalhar as regras do Handebol, solicitamos aos educandos que pesquisassem as mesmas. Após a apresentação das regras pelos educandos, começaram a comparar o

Handebol que eles encenaram antes com aquelas regras que acabavam de ser socializadas, percebendo várias diferenças, como a quadra, o tamanho da bola, entre outras.

No processo de construção das modalidades, precisávamos garantir a competência objetiva. Nesse sentido, a estratégia adotada foi pedir aos educandos que antes de começar a jogar, decidissem sobre quem ocuparia cada função dentro de jogo, trazendo a importância da organização tática para o grupo e para uma boa dinâmica do jogo. Por conta dos problemas de gênero já explicitados, percebíamos que um dos grupos elaborava a estratégia de modo a fazer as meninas sem funcionalidade dentro do jogo e impedindo que as mesmas se desenvolvessem naquela modalidade esportiva. A situação foi questionada e foi necessário que repensassem suas estratégias táticas. Então, voltaram com posições mais diversificadas com relação ao gênero e, como também havia sido colocada a necessidade das meninas criarem suas oportunidades, o jogo ia tomando corpo, a partir da incorporação das regras do Handebol. E os arremessos, os passes e as tomadas de bola iam sendo experimentados e dominados no decorrer do próprio jogo, a partir das oportunidades criadas individual e coletivamente.

Já no processo de construção do Vôlei tivemos um diferencial, o número excessivo de educandos, devido à junção de duas turmas, por causa de uma reforma de salas. Outro aspecto que não foi favorável foi o menor tempo destinado ao Voleibol. A soma desses fatores não permitiu que tivéssemos tantos avanços na construção da modalidade, pois além da necessidade de dividir a turma, já que se tornava inviável colocar mais de cinquenta alunos numa quadra de esportes, para a proposta que tínhamos, não existiu tempo suficiente para a efetiva aprendizagem. Pois, aqueles que estavam na espera ficavam inquietos e insatisfeitos. A partir disso, tentamos fazê-los participar mesmo estando “de fora” do jogo. Como já havíamos estudado as regras do Vôlei, começamos a instigar relações entre aquilo que se discutiu em sala e o que estava sendo encenado, já que não se tratava do Vôlei propriamente dito. Então, iam trazendo as diferenças, algumas semelhanças, o significado central da modalidade e as mudanças em relação ao jogo oficial na nossa encenação. No que diz respeito a técnica dos movimentos, também foi utilizada a mesma estratégia do Handebol, sendo experimentada no desenvolvimento do próprio do jogo, a partir da mudança de papéis dentro do grupo.

Infelizmente não houve o acompanhamento das professoras de Educação Física da escola nas aulas de estágio, sendo uma participação ínfima e restrita, sem muito diálogo, até mesmo porque não era muito comum encontrá-las, ficando impossibilitada a troca de saberes. Apesar disto, não tivemos problemas com a orientação por parte da professora de Estágio Curricular II, que esteve presente desde a preparação para observação na escola, da elaboração do Plano de Curso, até a construção dos planos de aula; assim como nas dúvidas que a nossa pouca experiência ainda não dava conta de superar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato teve a finalidade de trazer uma reflexão sistemática sobre a ação pedagógica numa experiência dentro do processo de nossa formação de professores de Educação Física, que traz novas perspectivas em oposição às práticas tradicionais de Educação Física escolar, por reconhecê-la enquanto prática social e estarmos formando nossa identidade como “intelectuais transformadores”.

A partir do exposto, ficam claras as contribuições deste ato reflexivo como uma forma de analisar o próprio trabalho pedagógico e relacioná-lo com questões da educação e da sociedade e, desta forma, questionar-se sobre suas ações e a relação das mesmas na construção da nossa autonomia e de nossos alunos. Assim como, mostra a concretude de possibilidades de ações pedagógicas pautadas no trabalho coletivo e no diálogo.

Existem, contudo, desafios que se colocam. No campo do estágio, especialmente, estabelecer com os professores das escolas uma relação de proximidade que possibilite a troca de saberes. Isto, no Estado da Bahia, é complexo também porque muitos professores trabalham com a Educação Física para completar carga horária, sem ter o efetivo interesse na legitimação desta área.

REFERÊNCIAS

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg; MONLINA Neto, Vicente. Educação e Educação Física: O espaço pedagógico para localizar a educação física e os fundamentos que podem mantê-la na escola: reflexões sobre algumas possibilidades. In: CAPARÓZ, Francisco Eduardo; ANDRADE Filho, Nelson Figueiredo de (Org.). Educação física escolar: política, investigação e intervenção. Vol2. Vitória: UFES, LESEF: Uberlândia: UFU, NEPECC, 2004.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 5 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. (Coleção educação física).

PIRES, Giovani De Lorenzi; NEVES, Annabel das. O trato com o Conhecimento Esporte na Formação em Educação Física: Possibilidades para sua Transformação Didático-Methodológica. In: KUNZ, Elenor (Org.). Didática da Educação Física 2. 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. (Coleção educação física).

Leidiane Bastos Senna
Endereço: R. Antônio Costa, 281, Silva Jardim.
Alagoinhas-BA. CEP 48060095
Email: leidinhasenna@yahoo.com.br